

REFORÇO ESCOLAR NA PERIFERIA DE ARACAJU: MOTIVAÇÕES DO EMPREENDIMENTO E DA PROCURA

TEREZA CRISTINA CERQUEIRA DA GRAÇA – UNIT/PUCRS

tccgraca@yahoo.com.br

MARIA AUXILIADORA T. DE OLIVEIRA – UNIT

auxiliadora_se@oi.com.br

FERNANDA SANTOS B. FERREIRA – UNIT

fernanda_b49@gmail.com

Resumo

A partir de pesquisa na internet e em jornais, visitas in loco e entrevistas, este artigo mostra a forte presença de Reforços Escolares na periferia da cidade de Aracaju, descrevendo e analisando os motivos pelos quais as famílias procuram esse tipo de serviço, especialmente na primeira fase do Ensino Fundamental. A recorrência aos Reforços são formas de sanar as deficiências da escola regular e manter as crianças em segurança enquanto as mães trabalham. Quase todos os 'professores' tem nessa atividade a única fonte de renda, declaram-se satisfeitos e buscam melhorar a formação profissional através do ingresso em curso superior; alguns na perspectiva de criarem suas próprias escolas.

Palavras-chave: Reforço Escolar – Periferias Urbanas – Aracaju – Motivações

Abstract:

From internet and newspapers research, in loco visits and interviews, this paper shows the strong presence of School Buston the outskirts of Aracaju City, describing and analyzing the reasons why families seek this kind of service, especially in first year of elementary school. The recurrence to the School Bust consists in a way to correct the deficiencies of regular school and keep children safe while mothers are working. Almost all the 'teachers' that have this activity as the only source of income declare they're satisfied and seek to improve vocational training through the entrance into higher education; some of them have the perspective to creating their own schools.

Keywords: School Bust – Urban Fringe – Aracaju city – motivations

INTRODUÇÃO

Bray e Kwok (2003, p.612) definem as Explicações ou Reforço Escolar como chamamos no Brasil (Bancas Escolares no nordeste), como o apoio suplementar aos alunos através de aulas particulares exercidas por pessoas remuneradas, em complemento ao que é estudado na escola formal. Portanto, o conceito não abarca as explicações exercidas gratuitamente por um vizinho, um parente ou um amigo.

Do ponto de vista dos estudos acadêmicos, os diversos tipos de reforço escolar ganharam o nome de “Educação nas Sombras”. Mark Bray, um dos maiores estudiosos do tema no mundo, argumenta que essa denominação se deve a alguns aspectos: eles existem porque existe um sistema escolar formal; eles apresentam vários tamanhos e formas, assim como o sistema escolar formal; e, em toda parte, a sociedade presta muito mais atenção ao sistema educativo que a sua sombra – os reforços escolares (Bray, 2013, p. 18).

De modo geral, as crianças e jovens das camadas médias e altas da sociedade dispõem de um capital cultural que lhes permite obter sucesso na aprendizagem escolar. Entretanto, cada vez mais, as famílias procuram os reforços escolares privados a fim de completar a educação formal e subsidiariamente ter onde deixar e ocupar seus filhos durante todo o dia.

O fenômeno existe no mundo inteiro. No Brasil, muitas escolas privadas e públicas oferecem essa complementação através do chamado ‘Tempo Integral’, onde em turno complementar, o estudante é auxiliado nos deveres de casa e nas lições corriqueiras e de provas, objetivando o seu sucesso acadêmico na classe regular. Entretanto, muitas famílias recorrem ao Reforço Escolar privado, as Bancas Escolares, algumas de abrangência internacional, como é o caso da KUMON; uma poderosa indústria educacional paralela aos sistemas educacionais formais, nascida nos anos 1950 e que hoje tem 3,7 milhões de clientes em diversos países.

As camadas populares também se utilizam desses serviços, notadamente para auxiliar na aprendizagem de crianças da primeira fase da Educação Infantil e do Ensino Fundamental; são as ‘bancas’ das periferias das cidades, oferecidas a preços módicos na moradia dos seus proprietários/professores; geralmente, em minúsculas e desconfortáveis instalações.

Amparado em alguns estudiosos do tema, Azevedo e Neto-Mendes (2009, p. 87) afirmam que, embora existam há séculos, as Explicações somente começaram a ser estudadas em todo mundo a partir dos anos 1990; mesmo assim, as pesquisas ainda são muito escassas. Em nosso Estado, não encontramos qualquer trabalho acadêmico que trate o tema, o que instigou nossa curiosidade, especialmente no que se refere aos Reforços Escolares (as Bancas) das periferias, cujas características e funcionamento diferem dos serviços prestados pelos empreendimentos mais focados na literatura educacional.

Sendo assim, à luz da bibliografia disponível sobre o tema, e a partir de pesquisas na internet, visitas in loco e entrevistas, este artigo investiga os Reforços populares da zona norte da cidade de Aracaju, descrevendo sua distribuição espacial e analisando os motivos pelos quais as famílias recorrem a esse tipo de reforço escolar privado, assim como as razões pelas quais as pessoas montam esse tipo de empreendimento.

1. OS REFORÇOS ESCOLARES NO MUNDO E NO BRASIL

Atualmente, o serviço de Reforço Escolar não é somente realizado fisicamente, num espaço concreto e numa interação pessoal entre aluno e professor. Seguindo os novos ventos das tecnologias da comunicação, verdadeiras multinacionais se firmaram no mercado mundial das Explicações. A *Tutor.com*, dos Estados Unidos, oferece serviços 24 horas e pagamento com cartão de crédito; paga-se por hora e se obtém explicações sobre qualquer assunto; não há professor que explique tão bem quanto seus mestres-planejadores, seus designs e programadores. O curioso é que as crianças e jovens americanos recebem explicações da Índia, através de plataformas de voz e texto; isto porque o 'trabalho docente' dos indianos é qualificado e muito barato, o que amplia os já vultosos lucros da empresa.

Tutores é uma banca brasileira que está no mercado desde 2008. Seu sucesso atraiu a *Tutor Doctor* que tem presença em 10 países, com 280 unidades. Uma franquia da gigante canadense não sai por menos de 800 mil reais e já há algumas no nosso País. A mídia brasileira divulgou o sucesso de alguns 'tutores' asiáticos; verdadeiros Pop Stars. É o caso de Richard Eng, de 45 anos, que ganhou fama e muito dinheiro com as explicações particulares, acumulando 12 escolas, 50 mil clientes e 300 funcionários.

No Brasil predominam os serviços oferecidos por pequenos empreendedores; estudantes universitários, professores das redes públicas e privadas, graduados e licenciados desempregados ou professoras de nível médio que não encontram mais chance de aprovação em concurso público do magistério. Uma rápida consulta à Rede Mundial de Computadores mostra que esses serviços são ofertados em todas as médias e grandes cidades do País, contando com a publicidade de sites gratuitos.

Quanto à relação entre as bancas escolares privadas e o Estado, Azevedo e Neto-Mendes, citando Hallak e Poisson, informam que existem três posturas que os governantes têm adotado diante da realidade das Explicações; a primeira consiste em ignorar as aulas particulares, a segunda em proibi-las, e a terceira em reconhecer e regulamentar. Complementam que, segundo Silova e Bray (2006, p.100) uma quarta postura se refere a encorajar ativamente as Explicações, pois entendem que elas fornecem instruções baseadas nas necessidades dos alunos e contribuem com o desenvolvimento do capital humano.

No Brasil, o Reforço Escolar privado não sofre nenhum tipo de regulamentação por parte da legislação educacional, estando na categoria de cursos livres. Quando a iniciativa é organizada como uma pequena empresa deve cumprir a legislação tributária e submeter-se às normas regulamentares dos empreendimentos comerciais da área de prestação de serviços, especialmente no concerne ao pagamento de taxas e impostos aos órgãos públicos.

Enquanto na Europa, Ásia e Estados Unidos, a clientela dos Reforços Escolares é estudante formal do sistema público de ensino, no Brasil, a esmagadora maioria dos clientes é aluna de escola particular.

2. OS REFORÇOS ESCOLARES EM ARACAJU

Aracaju conta com duas grandes redes de reforço escolar; a multinacional *Kumon* com duas franquias e a brasileira *Tutores.com* com apenas uma; ambas instaladas na zona sul da cidade. Entretanto, o grosso dos nossos estudantes ou estão nos Reforços das próprias escolas ou recorrem às 'bancas da esquina'; aos reforços escolares privados.

Em recente reportagem, o jornal *Cinform* (2013, ed. 1598, caderno cultura, p. 7) informa da acorrída de estudantes aos Reforços Escolares, principalmente no final do ano letivo, quando estão prestes a reprovar. Diz que é neste período que os proprietários faturam mais, especialmente aqueles que oferecem serviços para o Ensino Médio. Um dos Reforços existe há mais de dez anos e tem atualmente 200 (duzentos) alunos nos turnos vespertino e noturno.

Através de anúncios nos jornais impressos, consultas a sites da Internet, de conversas com colegas, amigos e professores, assim como de visitas a alguns bairros da cidade, encontramos 45 (quarenta e cinco) Reforços Escolares, sendo 12

(doze) situados na zona sul – onde se concentram as famílias de classe média e alta, e 33 (trinta e três) na zona norte – área onde se localiza uma parte significativa da periferia da capital.

Na zona sul, somente no bairro Luzia são anunciadas quatro bancas, três delas com nomes de Curso e Reforço e uma com o nome da professora. Nos bairros Grageru, Salgado Filho e Médice, das três bancas anunciadas, apenas uma aparece com o nome das professoras. São nominadas as bancas do bairro Inácio Barbosa, sendo uma delas a *Kumon*, que também está presente no bairro 13 de Julho. Nos bairros Farolândia e Jardins, as duas bancas trazem os nomes das professoras. No conjunto, a denominação mais empregada é o nome de ‘Reforço Escolar’ e seus anúncios ressaltam a experiência dos professores e os resultados positivos que seus alunos alcançam na escola formal.

Os bairros acima citados concentram a maior parte dos colégios particulares de maior prestígio da capital e, ao lado da Atalaia e da Zona de Expansão (área litorânea em acelerado crescimento urbano pela substituição de chácaras e sítios por condomínios de casas luxuosas), abrigam as famílias de maior poder aquisitivo.

2.1. OS REFORÇOS ESCOLARES DA ZONA NORTE: PANORAMA GERAL

Na zona norte da cidade, foram encontradas e pesquisadas as bancas existentes nos bairros Cidade Nova, Getimana, Soledade, Santos Dumont, Lamarão, América e Siqueira Campos, que apresentaram a seguinte distribuição:

Nº	Bairro	Nº de Bancas
01	Cidade Nova	04
02	18 do Forte	01
03	Alto da Jaqueira	01
04	Getimana	01
05	Pau Ferro	01
06	Soledade	06
07	Lamarão	02
08	Santos Dumont	05
09	Siqueira Campos	05
10	Bairro América	07
	TOTAL	33

- As informações sobre a banca da Getimana foram obtidas através de reportagem no Jornal CINFOM, ed. 1598, 25/Nov a 1º/Dez, 2013. Caderno Cultura, p. 7.

Quanto às denominações, a maioria das bancas desses bairros exibe o nome de “Reforço Escolar da Tia...” (16 delas, sendo que uma tem o nome “Tio”); apenas 02 têm nomes de escola seguido das denominações Reforço Escolar (Alegria do Saber e Escolinha do ABC); 11 (onze) trazem apenas o nome de Reforço Escolar, alguns indicando as séries que atendem e uma se autodenomina de “Banca Escolar”. Uma boa parte das bancas que exibem os nomes das “tias” não indica as séries/anos que atendem; 07 (sete) delas anunciam atender do 1º ao 5º ano; 06 (seis) dizem abranger do 1º ao 6º ano e 02 (duas) do 1º ao 9º ano; apenas 01 (uma) anuncia oferecer reforço até o Ensino Médio. Duas bancas ofertam do Maternal ao 5º ano.

Nem todas as denominações acima listadas se encontram em placas afixadas nas portas das casas; apenas são assim reconhecidas e chamadas pela comunidade do entorno e pelos clientes, uma vez que não fazem qualquer tipo de propaganda, pois tem uma clientela fiel e satisfeita, de modo que a propaganda ‘boca-a-boca’ funciona satisfatoriamente. Algumas proprietárias alegam não expor os nomes das bancas nas portas de casa porque sempre conseguem a quantidade de alunos que podem atender antes mesmo de começar o ano letivo nas escolas formais.

Sendo assim, mesmo com as visitas aos bairros e pedidos de informações a moradores, torna-se impossível assegurar que tenhamos identificado todas as bancas escolares desta região. A reportagem do jornal *Cinform*, que citamos acima, informa da existência de um Reforço Escolar denominado *Cantinho da Titia*, no bairro Getimana, situada na região afetada por esta pesquisa. Como a matéria traz as informações solicitadas neste trabalho, incluímos esta banca na lista dos empreendimentos pesquisados. Do mesmo modo, enquanto escrevemos este trabalho, nos foi indicada uma banca no Bairro América, que não identificamos quando das visitas ao logradouro.

3. OS REFORÇOS ESCOLARES E SEUS EMPREENDEDORES

Das trinta e três bancas identificadas, foram entrevistadas 10 (dez) proprietárias, mediante um questionário semiestruturado que deixava margem para ampliação das informações através das conversas com os depoentes. Passaremos

a caracterizar essas bancas nos aspectos da iniciativa, formação acadêmica das professoras, quantidade de alunos atendidos, número de horas trabalhadas diariamente, mensalidades, disciplinas mais requisitadas, níveis de satisfação dos pais e contribuições das bancas no desempenho acadêmico dos alunos em suas escolas regulares.

Das dez entrevistadas, 07 iniciaram os serviços de banca escolar porque estavam desempregadas e precisavam obter alguma renda. Dessas, uma declarou que o marido não aprova o trabalho fora de casa e 03 ambicionavam ter seu próprio negócio, sendo que uma delas havia sido professora de um reforço particular. Quatro professoras declararam que ganham melhor com a atividade, inclusive para uma delas a banca possibilitou sua independência financeira; outra professora considera o trabalho digno e respeitado. Existem bancas que funcionam há mais de vinte anos, mas a maioria das mais antigas tem entre oito e seis anos e as mais novas têm uma média de dois anos.

Cinco das professoras são formadas em nível superior, sendo 04 em Pedagogia e uma em História; uma das pedagogas ainda é diplomada em Geografia e exerce a função de professora numa escola pública. Duas docentes estão cursando Pedagogia, quatro tem o nível médio Pedagógico e outra somente o Ensino Fundamental.

Uma das bancas possui, atualmente, 70 (setenta) alunos, divididos em dois turnos, sendo que esta conta com uma professora auxiliar contratada. Três bancas atendem entre 30 e 40 alunos, também divididos em dois turnos e quatro delas possuem entre 08 e 17 alunos. A maioria informa que somente atende no turno vespertino, especialmente aquelas com poucos alunos.

Entre R\$ 45,00 e R\$ 60,00 é a mensalidade cobrada por 06 (seis) das bancas contatadas. A mais barata fica em R\$ 35,00 e a mais cara em R\$ 100,00 para o Ensino Fundamental e R\$ 80,00 para a Educação Infantil. Uma das bancas serve almoço para alguns alunos e, neste caso, a mensalidade sobe de R\$ 80,00 para R\$ 250,00, sendo 120 do almoço mais 50 da busca na escola. Uma professora se recusou a informar. A maioria assegura que a inadimplência é pequena ou nenhuma.

Somente duas bancas atendem exclusivamente a alunos do Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, trabalhando todas as disciplinas do currículo escolar. Seis bancas trabalham com a Educação Infantil e a primeira fase do Ensino

Fundamental. Uma das bancas atende a crianças muito pequenas, de 02 a 06 anos de idade, funcionando como uma espécie de creche, pois a maioria das crianças passa o dia na casa da proprietária.

Todas as bancas atendem a alunos de escola pública e privada. Entretanto, em 05 (cinco) delas, a maioria dos estudantes pertence à rede privada e 03 (três) atendem a maioria de escolas públicas. É interessante observar que uma professora declarou que alguns dos seus alunos sequer estudam porque não tem idade ou porque os pais não os matricularam em escolas formais. Vale esclarecer que a maioria dos alunos da rede privada atendida pelas bancas estuda em pequenas escolas da região, sendo apenas dois alunos de escolas mais caras e prestigiadas da zona sul. Resultado semelhante foi encontrado por Mariuci, Ferri e Felicetti (2012, p. 10) na pesquisa sobre Reforços Escolares em cidades de três estados do sul do Brasil, onde a maioria dos alunos também é da rede privada de ensino.

Ajudar aos alunos a fazer seus deveres de casa passados pela escola formal é a principal tarefa da professora de banca. O estudo da Língua Portuguesa, com verbos, redação, leitura e ortografia e a Matemática com a tabuada e as contas são os conteúdos e habilidades mais praticados. A revisão do conteúdo estudado pelo aluno naquele dia na escola regular também foi amplamente citada. Duas professoras declararam ensinar a ler e escrever, sendo sua principal atividade alfabetizar crianças antes da idade regular ou fazê-lo porque a escola formal não o consegue.

Apenas duas professoras de banca declararam possuir contato com a professora da escola regular dos seus alunos; uma ocasionalmente e a outra visitando a escola frequentemente, conversando com as professoras e investigando boletins. Esta professora costuma utilizar esse diagnóstico para seu trabalho diário, centrando seus esforços nas disciplinas onde os alunos apresentam menores rendimentos, propondo inclusive, aulas nos finais de semana, para as quais nada cobra a mais dos pais.

Quatro das professoras declararam que pretendem, no futuro, abrir suas próprias escolas privadas; uma delas sonha com uma creche e outra já está à espera de autorização dos órgãos competentes para dar início ao seu sonho. Cinco pensam em continuar prestando o mesmo serviço e uma não sabe o que fará no futuro. Apenas uma mestra declarou que não tem intenções de continuar porque quer dedicar-se a outro ramo de atividade que não o magistério.

Como vimos, os Reforços Escolares das periferias são bem mais baratos que os da zona sul. Entretanto, enquanto os primeiros funcionam em casas ou em condomínios empresariais especificamente alugados para a finalidade, os segundos funcionam nas residências dos seus proprietários, em garagens ou pequenas varandas nos fundos das casas; alguns utilizam uma grande mesa improvisada, ladeados por bancos compridos, feitos em madeira sem muito acabamento. O mobiliário de cinco bancas é composto por carteiras, mesinhas, mesa do professor e lousa; três trabalham com mesas e cadeiras plásticas e uma possui quadro branco e uma pequena biblioteca e outra declarou possuir computador para pesquisas dos alunos. Apenas uma falou de outros recursos pedagógicos, mas sem especificar quais. Observamos que uma das bancas tem uma estrutura muito bem montada e organizada, com ambiente limpo e confortável para os alunos.

4. ESTUDANTES DOS REFORÇOS: MOTIVAÇÕES DA PROCURA

Das trinta e três bancas escolares encontradas na periferia da cidade, entrevistamos 20 (vinte) pais de alunos, sendo apenas dois do sexo masculino. A necessidade dos filhos e a falta de tempo em ajudá-los nas tarefas escolares foram razões pelas quais 14 (catorze) pais buscam os Reforços. Duas mães alegaram não saber ensinar seus filhos e três disseram que a banca possibilita deixar suas crianças em segurança. Duas mães acreditam mais na eficiência do trabalho da banca que no da escola formal, principalmente na tarefa de alfabetização.

A escolha de determinado Reforço Escolar se deve a duas principais razões: a localização próxima à residência das famílias e as indicações que tiveram sobre a capacidade da professora foram enfatizadas por 13 (treze) dos pais entrevistados. Outras razões também surgiram, tais como: o valor da mensalidade, a amizade com a professora, a disciplina imposta e a formação de nível superior da professora. Uma mãe escolheu a banca por ela oferecer almoço ao seu filho e poder deixá-lo lá até o começo da noite, quando sai do trabalho.

Nas periferias, as mensalidades baixas são fatores que contribuem para que as famílias coloquem e mantenham seus filhos nos Reforços. Os mais baratos estão entre 35 e 50 Reais, como é o caso de 11 (onze) delas; quatro bancas cobram entre 60 e 80 reais; cinco cobram entre 100 e 160 e uma cobra 200 reais. Algumas das bancas mais caras oferecem almoço e ficam com as crianças até as mães voltarem

do trabalho. Observe-se que nas falas das proprietárias não apareceram essas mensalidades maiores que 100 reais. Conforme depoimentos de algumas professoras e de mães, essas mensalidades são pagas no todo ou em parte pelo dinheiro que recebem do programa *Bolsa Família*¹.

Em Aracaju, a maioria das escolas públicas e privadas de Educação Infantil e Ensino Fundamental Menor funciona no turno matutino. Esta é a principal razão de 15 (quinze) Reforços Escolares funcionarem no turno vespertino, com duas a três horas de atividades. Apenas quatro bancas funcionam pela manhã, com o mesmo quantitativo de horas; sendo que uma delas diz trabalhar com 5 (cinco) a 6 (seis) horas de atividades.

Estão em Reforço Escolar pela primeira vez 08 (oito) estudantes e 12 (doze) já fazem o reforço há dois ou três anos. A dificuldade da criança em Matemática foi citada por 10(dez) pais; em Língua Portuguesa e Língua Inglesa por 08 (oito), sendo 04 (quatro) em cada uma. Dificuldade em História foi citada por um pai; dois disseram que seus filhos têm dificuldades em todas as disciplinas do currículo.

O papel da banca, portanto, é ajudar a sanar essas dificuldades; é o que esperam e confiam os pais. Tanto é assim que 18 (dezoito) pais se disseram muito satisfeitos com os resultados do trabalho; apenas uma mãe alegou não ter escolha por não ter com quem deixar sua filha, e outra disse estar mais ou menos satisfeita. Por prestar um atendimento individualizado, o Reforço se diferencia da escola formal onde, para alguns pais, as salas de aula são cheias, os professores faltam muito e os pais não tem liberdade de interferir no trabalho do mestre. Todavia, 09 (nove) dos pais acreditam na importância da escola regular, encarando a banca como um complemento; também muito importante.

Perguntados sobre o que seria uma boa escola onde os estudantes não precisassem de Reforço Escolar, 04 (quatro) pais apontaram que a Escola de Tempo Integral se encaixaria nessa categoria. A escola ideal seria aquela que desse uma boa base aos seus alunos – disseram 06 (seis) dos pais entrevistados.

¹O benefício do programa Bolsa Família é concedido pelo governo brasileiro a famílias que tem rendimentos de até R\$ 140,00 por pessoa, até o limite de cinco filhos menores de 17 anos. Em 2012 foi criado o Benefício para Superação da Extrema Pobreza na Primeira Infância (BSP), concedido às famílias que, mesmo recebendo a Bolsa família, continuam em situação de pobreza extrema (renda *per capita* mensal de até R\$ 70). Há ainda benefícios para gestantes e nutrízes, de modo que uma família pode chegar a receber mensalmente o valor máximo de R\$ 306,00, quase metade do salário mínimo vigente no país (42 %).

Disponível no site: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/bolsa-familia/beneficios/beneficiario/beneficio-valor>. Acesso em: 14. maio.2014.

Currículo diferenciado, menor número de alunos por professor, professores bem pagos e mais dedicados, assim como segurança na escola foram alguns dos aspectos citados.

Uma escola pública integral que oferecesse reforço escolar não seria capaz de tirar os filhos das bancas privadas para 10 (dez) pais; sendo que para dois deles, a escola teria que provar ser mais eficiente que a banca. A outra metade respondeu que trocaria a banca por uma escola com reforço escolar gratuito em turno contrário.

Durante a aplicação do roteiro de entrevista, tivemos depoimentos reveladores das condições das famílias e das crianças que frequentam as bancas. Algumas mães deixaram escapar que tem medo dos companheiros por causa do álcool e das drogas e, por isso, mantém seus filhos no Reforço como forma de afastá-los dos perigos que eles representam, inclusive da violência doméstica. Outras alegaram que não querem que os filhos continuem o círculo vicioso da pobreza, esforçando-se para que suas crianças não se tornem empregados domésticos ou garis, como elas.

A legislação brasileira concedeu, recentemente, todos os direitos trabalhistas aos empregados domésticos (salário mínimo, registro em carteira de trabalho, fundo de garantia, férias e carga horária máxima de 44 horas). Muitas mães pobres assalariadas, que contavam com ajudantes caseiras pouco remuneradas e sem nenhum direito, tiveram que dispensá-las, receosas de fiscalização ou denúncias junto ao Ministério do Trabalho. Isto também contribuiu para que algumas bancas funcionem como creches, onde crianças pequenas passam todo o dia, num custo bem menor e sem riscos. A proprietária responsabiliza-se pela busca da criança na escola formal, pelo seu almoço, banho e descanso e pela sua feitura dos deveres de casa ficando, como já dissemos, com as crianças em suas casas até o começo da noite.

Por parte das professoras, ouvimos alguns relatos preocupantes, a exemplos de crianças que chegam espancadas, com fome, com parasitas na cabeça, sujos, com dentes podres e sem nenhum material escolar porque os pais usam seus cadernos para fazer cigarros. Tem o caso de uma mãe que, declaradamente, não tem paciência nem disposição de educar seus filhos e, por isso, joga-os aos cuidados da professora da banca, mesmo não tendo emprego, nem horários fixos de trabalho. Ainda ouvimos uma mãe que coloca seus filhos na banca para protegê-los

de um doente mental que tem em casa e de um pai que quer manter suas crianças longe dos negócios ilícitos que pratica.

5. OS REFROÇOS DAS PERIFERIAS E A LITERATURA SOBRE O TEMA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Mark Bray argumenta que os Reforços Escolares presenciais tem uma importância considerável para seus usuários, e estão mais disponíveis nas cidades porque permitem reunir um número maior de estudantes, o que possibilita um preço mais acessível. Esta pesquisa confirma a assertiva desse autor, uma vez que as bancas escolares estão espalhadas por toda periferia de Aracaju, sendo procuradas pelas famílias de baixa renda por preocuparem-se com a educação formal dos seus filhos e terem como arcar com seus custos, principalmente através do auxílio do programa *Bolsa Família*.

O autor também afirma que entre as disciplinas onde se procura mais o auxílio dos Reforços Escolares estão a Matemática e as Línguas Nacionais; o que também se confirma neste trabalho, pois, para os pais das periferias pouco alfabetizados ou com nível de escolarização baixo, o domínio da Matemática expresso na habilidade dos filhos em “fazer contas” e o domínio da Língua Portuguesa expresso na leitura e na escrita fluentes são facilmente identificados. Então, qualquer pai ou mãe percebe com facilidade se seu filho ‘sabe fazer contas’ ou se sabe ler e escrever. Como vimos, a preocupação de alguns é tão evidente que acorrem as bancas antes mesmo do início do processo de alfabetização; exigindo que a professora os ensine a ler, escrever e contar aos quatro ou cinco anos de idade.

Como vimos, segundo os pais, o maior benefício das bancas escolares é o atendimento quase individualizado que as professoras prestam aos seus alunos. Conforme seus depoimentos, as crianças e adolescentes precisam de banca para receber explicações que lhes são negadas na sala de aula regular, seja pela falta de interesse dos professores, seja pela grande quantidade de alunos que lecionam. Isto impede o que Mariuci, Ferri e Felicetti (2012, p. 113-114) colocam como o comportamento ideal do professor. Dizem elas que o que contribui para a disciplina e o bom andamento das aulas é o fato do professor não esperar que algum aluno o

solicite, mas transite por eles, “acompanhando-os no desenvolvimento das atividades, observando como pensam”. Somente assim, “o aluno sente o interesse do professor para com sua aprendizagem”; asseveram as autoras.

Isto explica porque tantos pais demonstraram grande interesse em continuar com seus filhos nas bancas privadas mesmo se as escolas de ensino regular oferecessem reforço gratuito em período integral. Essas autoras também chamam atenção das práticas de ensino que tornam as aulas enfadonhas e desinteressantes, atribuindo o fracasso escolar a essa prática.

Entretanto, não se pode dizer que as bancas estudadas por esta pesquisa tenham uma metodologia lúdica e atrativa, pois as crianças e adolescentes, além de ficarem confinados em pequenos espaços, estão sob a mira constante da professora que insiste no cumprimento dos deveres escolares e na atenção dos alunos para as explicações dos assuntos que ainda não dominam. É como disse um pai de aluno: “A escola regular ensina para a vida e a banca para a prática das tarefas e do aprendizado do conteúdo escolar”. Então, é isto que se busca nos Reforços Escolares; um aprendizado real dos conteúdos curriculares não aprendidos pelo aluno na escola formal.

Diferente das pesquisas de Bray e outros, nosso trabalho demonstra que a maioria dos professores de bancas periféricas não tem outra fonte de renda, nem são docentes do sistema público ou privado de ensino. Para eles, a banca é a única remuneração de que dispõem; os proventos obtidos mais a liberdade de ensino e o prestígio de que gozam em suas comunidades os estimulam a desejar abrir suas próprias escolas formais.

No estudo comparativo entre Brasília e Lisboa, Costa et. al. (2012, p. 18), apontam que na capital lusa as empresas de reforço começam a apresentar uma tendência a autonomização da escola formal, isto é, se afirmar como alternativa à escola formal, com suas metodologias e currículos próprios. Ocorre o contrário em nosso caso; as Bancas Escolares se afirmam como complemento à escola formal e as famílias as procuram exatamente por isto; por não terem tempo nem condições de acompanhar as tarefas e os estudos de casa requeridos pela professora oficial. Talvez por se tratarem de pequenos empreendimentos que atendem à primeira fase do Ensino Fundamental e não ao Ensino Médio, como é caso do estudo de Costa et. al., onde a clientela está voltada aos exames vestibulares ou aos exames nacionais para ingresso no ensino superior.

Segundo Motta (2012, p. 24), citando Soares (2000, p. 10) a ideologia do dom legítima as desigualdades e diferenças baseadas na mensuração das aptidões intelectuais, onde a escola não é responsável pelo fracasso escolar, pois o problema está no aluno que não possui as condições básicas de aprendizagem.

Essa autora cita uma pesquisa de Collares (1996) que apontou que as causas do fracasso escolar, para quase unanimidade de professores, diretores e profissionais da saúde está centrada no aluno. Entre as razões elencadas estão a desnutrição, as doenças neurológicas, as deficiências mentais, a falta de interesse e de pré-requisitos necessários à aprendizagem escolar.

Nessa perspectiva, embora as famílias pesquisadas tributem parte do fracasso da aprendizagem aos seus próprios filhos, por uma ou mais razões acima elencadas, a procura das bancas escolares demonstra que também há um reconhecimento das deficiências da escola formal e dos métodos dos professores. Acreditam, então, que um atendimento mais individualizado, a disciplina imposta pela banca e a suas próprias cobranças de resultados de um serviço que está pagando são aspectos que possibilitam um maior e melhor aprendizado dos seus filhos.

CONCLUSÕES OUTRAS

Esta pesquisa chega à conclusão de que parte das famílias das camadas populares preocupa-se com o futuro dos seus filhos e acreditam na escolarização como forma de ascensão social. O fato de dispender parte dos seus poucos recursos no pagamento dos Reforços Escolares é uma prova incontestável desta preocupação, inclusive com o uso do dinheiro da Bolsa Família.

Conforme já apontamos, no Brasil a atividade é livre para qualquer pessoa ou profissional, não havendo legislação especificamente destinada a esta prestação de serviço. Desse modo, há bancas onde as professoras sequer têm formação de nível médio, não sendo difícil encontrar placas com grafia errada, tais como *Reforssso Escolar* ou *Encina-se Banca*.

No Brasil as avaliações em larga escala são recentes. Somente em 2005, o Ministério da Educação começou a aplicar a Prova Brasil, que mede os conhecimentos e habilidades dos estudantes dos 5^{os} e 9^{os} anos do Ensino Fundamental. As médias das notas obtidas pelos estudantes nessas provas

somadas aos números de evasão e reprovação resultam no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB das escolas públicas.

Este indicador é divulgado desde o ano de 2006 e demonstra que a qualidade do Ensino Fundamental público melhorou. Entretanto, a maioria das famílias ainda não tem conhecimento desse indicador, nem está sensibilizada para cobrar das escolas a melhoria da aprendizagem dos seus filhos. Sendo assim, diferentes das famílias de outras partes do mundo, os pais aracajuanos não recorrem aos Reforços Escolares pressionados pelos exames nacionais, mas sim para resolver os problemas cotidianos de aprendizagem dos seus filhos.

Então, concordando com alguns dos principais estudiosos sobre o tema, os Reforços Escolares privados ajudam aos alunos a entenderem os conteúdos das aulas normais, superando suas dificuldades e rentabilizando a aprendizagem. As famílias pobres de Aracaju sabem disso, e investem uma parte do pouco que têm na melhoria do desempenho escolar dos seus filhos, certamente acreditando que eles possam conquistar um futuro melhor através da educação.

REFERÊNCIAS:

- AZEVEDO, Sara. NETO-MENDES, Antônio. **As Explicações (Aulas Particulares) no Ensino Secundário e Superior em Portugal: apresentação de um estudo**. Revista Eletrônica de Educação. v. 3. n. 2. nov. UFSCAR/São Paulo, 2009.
- BRAY, Mark. **Um Sistema educativo a La Sombra: las tutorias privadas**. Tradutor: Sérgio Cárdenas Denham. México, DF. Centro de Investigación y Docencia Económicas, 2013.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Bolsa Família**. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/falemds/perguntas-frequentes/bolsa-familia/beneficios/beneficiario/beneficio-valor>. Acesso em: 14. Maio.2014.
- COSTA, Jorge Adelino. GOUVEIA, Andreia. RODRIGUES, Catarina. **Empresas de Reforço Escolar e Rendimento dos alunos: Brasília e Lisboa em análise comparativa exploratória**. Disponível em: www.sbec.org.br/evt2012/trab27.pdf Acesso em 30. Ago. 2013.
- _____. NETO-MENDES, Antônio. VENTURA, Alexandre. **Explica: investigação sobre o mercado das explicações**. Aveiro: Universidade. Comissão Editorial. 2008.
- MARIUCI, Sérgio. FERRI, Marícia da Silva. FELICETTI, Vera Lúcia. **Uma Sombra na Educação Brasileira: do ensino regular ao paralelo**. XIX ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. Disponível em: www.uces.br/etc/conferencias/index.php/apendsul Acesso em 13. Out. 2013.
- MOTA, Maria Creuza. **Reforço Escolar na Educação Integral: uma leitura a partir da psicanálise**. (dissertação de mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2011.
- VASCONCELOS ALVES, Ana Cláudia Celice. BARREIRO de FREITAS, Iraíde Marques. **Política de Reforço Escolar e Estudos de Recuperação na Rede Municipal de Ensino: entre o dito e o feito**. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisevento Acesso em 30. Set. 2013.